



## EDUCAÇÃO EM MÉSZÁROS: BREVE APRESENTAÇÃO

JALON NUNES DE FARIAS

EIXO: 2. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS AFIRMATIVAS

### RESUMO

Neste artigo apresentamos fragmentos da obra de Mészáros, filósofo e militante contemporâneo, especialmente seus apontamentos a respeito da atual forma de educação, que é uma educação formal a serviço do sistema do capital. Mészáros vai recomendar que é necessário o empenho para uma transformação radical, tanto da sociedade (especialmente no âmbito do trabalho) quando da educação; essas duas esferas devem ser transformadas radicalmente e em simultâneo. Nosso objetivo é compreender como Mészáros pensa esta transformação radical da sociedade, a fim de livrá-la da servidão do sistema do capital, através da educação. A pesquisa bibliográfica nos permitiu conceituar brevemente alienação, discutir sobre o problema alienante na escola e por fim, apresentar as considerações a partir de Mészáros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alienação; Educação; Sociedade.

### ABSTRACT

In this article we present fragments of the work of Mészáros, contemporary philosopher and activist, especially his notes about the current form of education, which is a formal education in the service of the capital system. Mészáros will recommend that the commitment to a radical transformation of both society (especially in the workplace) when education is required; these two spheres must be processed simultaneously and radically. Our goal is to understand how Mészáros think this radical transformation of society in order to free her from the servitude of the capital system through education. The literature review allowed us briefly conceptualize alienation, discuss alienating trouble at school and finally presenting the considerations from Mészáros.

**KEYWORDS:** Alienation; Education; Society.

### 1 INTRODUÇÃO

A alienação é um fenômeno que atinge a todos sem distinção, constata-se, portanto, que já ao nascer, a criança encontra-se diante de inúmeras influências que podem levá-la a uma condição ferrenha de alienação. Porém, se partirmos das ideias de Marx, observamos que a alienação é extremamente coercitiva, capaz de levar homens e mulheres a trabalharem sem que sintam satisfação e nem mesmo domínio sobre o objeto produzido.

Nosso artigo é de base teórica, isto é, foi realizado através de algumas fontes bibliográficas. Inicialmente apresentaremos sobre o problema da alienação na escola, destacando que o sistema educacional está fundamentado de tal forma a servir o sistema do capital, através de uma coerção disfarçada na formação de mão de obra para o mercado de trabalho, por exemplo; a seguir mostraremos - segundo a teoria de Mészáros (2008; 2009) - que para superar a alienação na sociedade e na educação, precisaremos romper radicalmente com a lógica hegemônica e formal, através de uma *contrainternalização* absoluta e necessária e aproximar cada vez mais a escola da sociedade.

Observamos que a educação já é bastante prejudicada por diversos fatores e que precisa de tantos outros detalhes e

recursos para se tornar uma educação ideal. Por isso, devem-se evitar mecanismos causadores de situações *utópicas* e *ideológicas*, que na maioria das vezes contribuem e alimentam para uma alienação perversa e excludente.

A educação (...) em lugar de instrumento de emancipação humana, agora é mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema (...). A natureza da educação – como tantas outras coisas essenciais nas sociedades contemporâneas – está vinculada ao destino do trabalho. Um destino que se apoia na separação entre trabalho e capital, que requer a disponibilidade de uma enorme massa de força de trabalho sem acesso a meios para a realização, necessita, ao mesmo tempo, socializar os valores que permitem a sua reprodução. No reino do capital, a educação é, ela mesma, uma mercadoria. Daí a crise do sistema político de ensino, pressionado pelas demandas do capital e pelo esmagamento dos cortes de recursos dos orçamentos públicos. Talvez nada exemplifique melhor o universo instaurado pelo neoliberalismo, em que ‘tudo se vende, tudo se compra’, ‘tudo tem preço’, do que a mercantilização da educação. Uma sociedade que impede a emancipação só pode transformar os espaços educacionais em *shopping centers*, funcionais à sua lógica do consumo e do lucro (SADER, 2008, p. 15-16).

Esperamos, portanto, que as palavras contidas neste artigo possam servir para esclarecer ainda mais aos cidadãos, sejam formadores de opinião, sejam educadores ou trabalhadores de outros ramos, sejam crianças, sejam pais de família etc., em relação a este tema, que é de suma importância no que diz respeito à formação de indivíduos críticos e amplamente livres, capazes de reconhecerem-se na coletividade, enquanto membros da sociedade (que lutam por ela e em causas justificavelmente isentas de coerção), porque, apenas “a *mais consciente das ações coletivas* poderá livrá-los dessa grave e paralisante situação” (MÉSZÁROS, 2008, p. 44-45).

## 2 O PROBLEMA DA ALIENAÇÃO NA ESCOLA

A alienação ameaça o trabalho e a consciência humana, isto é, a vida do homem de um modo geral; sua ocorrência é remota, mas sua intensificação ocorre desde a época moderna, quando o Mercantilismo e as relações econômico-financeiras passaram a dominar toda a sociedade e a ditar as regras sobre o organismo social. Etimologicamente, alienação advém do latim *alienare/alienus*, que significa *que pertence a outro*; transferir o que é seu para o outro. Foi na filosofia hegeliana que o conceito de alienação começou a ser trabalhado. Hegel (1770-1831) via na alienação a possibilidade do homem sair da consciência ingênua e alcançar a consciência de si.

Já Karl Marx (1818-1883), a partir do entendimento do materialismo-dialético, identifica alienação como um processo destruidor da autonomia humana, enquanto trabalhador que não tem a posse e o uso do objeto trabalhado, ou seja, a força de trabalho lhe é roubada, alienada, e ele perde-se nas relações de trabalho, tornando-se inferior aos objetos que produz.

A alienação na educação ocorre naturalmente como um reflexo legítimo da sociedade. Os alunos são muitas vezes tratados como indivíduos inativos, aptos apenas a receber paradigmas e conhecimentos superficiais, fragmentados, enfim, são condicionados e moldados a se enquadrarem na realidade alienante que os mantém.

O sistema escolar fundamental, no sistema capitalista, já nasceu de uma forma desigual, pois até o início do século XX a escola servia basicamente aos filhos das classes dominantes e médias. Os filhos dos trabalhadores, quase sempre, eram excluídos, tendo acesso apenas às escolas de Igrejas (dominicanas) ou às que muitas vezes existiam no interior das fábricas (TOMAZI, 1997, p. 67).

O complexo educacional, desde a mais alta instituição educativa até uma simples e pequena escola, é alienado, na forma como procede quando visa proporcionar educação ou quando proporciona a chamada “educação”.

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que *legitima* os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma ‘internalizada’ (isto é, pelos indivíduos devidamente ‘educados’ e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas (...) (MÉSZÁROS, 2008, p. 35-42).

Além dessa marca de servir ao sistema do capital, educar para o capital e não para a vida, a escola possui atualmente inúmeros déficits, dentre eles, a evasão escolar, que aparece como um fracasso constante e entre os maiores

problemas do nosso sistema educacional. E esse “fracasso escolar remete ao fracasso dos indivíduos, ou ainda de um sistema social, econômico e político” (CARRAHER; CARRAHER; SCHLIEMANN, 2001, p. 23).

Os professores não são vilões, propagadores de má educação, aquela alienante, são na verdade, objetos e instrumentos diretos ou indiretos de propagação da alienação, segundo o capitalismo e o que pede a hegemonia, afinal de contas, outrora e durante a vida acadêmica e profissional, eles sofrem a influência constante de um sistema educacional alienado. Porque, os trabalhadores, assim como os professores, têm alienados “os instrumentos que utilizam, seu trabalho não é espontâneo e não usa-se da criatividade” (REALE; ANTISERI, 1991, p. 193), por isso a aprendizagem não vinga.

Na realidade alienante o que impera é o desejo do sistema capitalista, pelo qual tudo são lucro e quantidade. Na educação ocorre o mesmo efeito, o que se vê são salas de aula repletas de alunos (certamente pensando no dinheiro que o Governo Federal investe e porque a estrutura das escolas não comporta grandes quantidades; e não se pensa em proporcionar educação de qualidade a todos); falta, portanto, qualidade.

Logo, os alunos, ainda crianças (em formação social, psíquica etc.) entram numa realidade excludente, exigente e inflexível, que não apresenta saídas para se viver com autonomia e contestação; tornam-se mais tarde, profissionais igualados a profissão de ensinar e reduzidos ao ato de lecionar, pois a dinâmica econômica exige muito e pouco oferece. “Há, portanto, um envolvimento das características sociais do próprio trabalho dos homens, ou seja, a relação social entre trabalho e indivíduos” (MARX, 1988, p. 81). E ainda, os professores se dão ao trabalho, apenas, de cumprir as aulas e ministrar conteúdos elaborados universalmente, nem sempre direcionados a cada região, restritamente. Enfim, pessoas alienadamente formadas como profissionais, logicamente tendem a educar semelhante como aprenderam.

Uma saída plausível seria o aprimoramento do currículo escolar, tornando-o mais flexível e aberto às considerações da sociedade, por meio da interdisciplinaridade, por exemplo; essa metodologia estruturante de ensino, supõe que duas ou mais disciplinas compartilhem mesmos objetivos sobre um tema transversal concreto. “Na prática, a estrutura interdisciplinar supõe desenvolver uma nova área em que as disciplinas aparecem subordinadas e vinculadas na trama de conteúdos do tema transversal que se aborda (...)” (YUS, 1998, p. 120).

### **3 EDUCAÇÃO PARA A VIDA E A SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO**

Segundo alguns estudiosos da educação e especialmente os pedagogos do século XX, influenciados pela Escola Nova, a educação teria uma importante função e ação democratizante e democratizadora sobre os estudantes; ela seria, então, um essencial fator de mobilidade na sociedade e então capaz de proporcionar mudança, tanto no âmbito social, quanto nos demais segmentos que levam um indivíduo à emancipação e à saída do fenômeno alienante. Mas é preciso que destaquemos ser a educação uma função não somente institucional, formal, ou seja, responsabilidade da escola. Aliás, é nesse espaço que os estudantes estão mais suscetíveis a uma coerção hegemônica e trivial. Portanto, precisamos qualificar e valorizar ainda mais os demais espaços de aprendizado, especialmente a família.

Um dos grandes fatores causadores de alienação no processo educacional é a falta de conciliação entre teoria e prática; há, portanto, um abismo extremo entre esses dois polos. Além dessa falta de harmonia, ocorre também a deturpação dos textos, conteúdos, enfim, o próprio currículo escolar, especialmente nos textos didáticos do ensino fundamental. Quem nos reforça esta observação são as autoras Aranha; Martins (1993), elas afirmam que: “analisando os fragmentos transcritos nos textos complementares, podemos notar que a realidade mostrada à criança é estereotipada, idealizada e, portanto, deformadora” (p. 41).

A dinâmica excludente da realidade, reproduzida e efetivada claramente na escola, chega por meio das instituições formais, tradicionalmente alienantes: o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, a Escola, a Igreja etc., ou seja, algumas instâncias consideradas como aparelhos repressivos. Por outro lado, há a influência massificadora de outros setores da sociedade: a Família, os Meios de Comunicação, os Sindicatos, os Partidos etc.; trata-se de instâncias que os fazem vislumbrar uma realidade perfeita e calma, normal e comum, a qual nunca chegaremos e por outro lado, limitam uma potencial ação de conquista humana.

A escola é especialista em provocar uma violência bastante singular, não física, de uma abrangência e prejuízo ainda mais fecundo do que mesmo a tão exercida violência física, é a que alguns críticos chamam de “violência simbólica”, pela qual o indivíduo é enquadrado e influenciado aos poucos, de forma que pareça natural e normal e assim comungam-se determinados “conhecimentos” e comportamentos que, na verdade, não libertarão o homem, mas corromperão a formação social, sendo o mesmo paulatinamente inserido no que pede o sistema do capital.

Pensando no desenvolvimento do ser social, Mézáros (2008) acredita que a educação deve ser sempre continuada e permanente. Acredita também que a “educação dos educadores” e dos alunos permite a construção de uma sociedade capaz de oferecer aos seus membros o tempo de lazer, e que este não se constitua como uma perda para o

capitalismo, pois o que temos é que as classes dominantes impõem uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o homem dominado, não uma educação para a vida. Por sua vez, a educação libertadora poderia transformar o trabalhador num agente político, que fosse capaz de pensar, agir, e por isso usaria as palavras como armas para transformar o mundo.

A transformação, porém, capaz de mudar a nossa realidade superando a alienação, não deve partir apenas da reestruturação do sistema educacional formal, nem mesmo a partir somente da modificação do meio social; ela deve ser ampla e radical, conforme apresentamos abaixo, na afirmação de Mészáros (2008):

Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de *reforma sistêmica* na própria estrutura do sistema do capital é uma *contradição em termos*. É por isso que é necessário *romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente (p. 27).

As instituições tradicionais formais de educação são uma parte importante do sistema global de *internalização*.

Porque, mesmo que os indivíduos participem ou não dessas instituições formais de educação, eles sempre são levados a uma aceitação ativa dos princípios reprodutivos orientadores dominantes da sociedade. “Ao internalizar as onipresentes pressões externas, eles devem adotar as perspectivas globais da sociedade mercantilizada como inquestionáveis limites individuais e suas aspirações pessoais” (MÉSZÁROS, 2008, p. 44-45).

Para uma possível superação do sistema do capital e, por conseguinte, da alienação, Mészáros (2008) recomenda que sejam necessárias à confrontação e a alteração de todo o sistema de internalização. Para isso também se faz necessário substituir “as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa *concreta* abrangente” (MÉSZÁROS, 2008, p. 47) e acrescenta:

Necessitamos, então, urgentemente, de uma atividade de ‘contrainternalização’, coerente e sustentada, que não se esgote na *negação* – não importando quão necessário isso seja como uma fase nesse empreendimento – e que defina seus objetivos fundamentais, como a criação de uma alternativa abrangente *concretamente sustentável* ao que já existe (...); é possível *superar a alienação* com uma *reestruturação radical* das nossas condições de existência há muito estabelecidas e, por conseguinte, de ‘toda a nossa maneira de ser’ (MÉSZÁROS, 2008, p. 56-60).

Entendendo desta forma, o citado autor afirma que não basta apenas negar tal sistema de internalização, uma vez que todas as formas de negação, em sua substância encontram-se subordinadas e condicionadas ao objeto que negam, qual seja, o sistema do capital. É preciso então, agir por meio de um metabolismo reprodutivo social dos ‘produtores livremente associados’. E a educação, portanto (no sentido mais abrangente do termo) cumpre um importante papel, pois, ela poderá representar os primeiros passos de uma grande transformação social, que envolve a “necessidade de manter sob controle o estado político hostil que se impõe, e pela sua própria natureza deve se opor, a qualquer ideia de uma reestruturação mais ampla da sociedade” (MÉSZÁROS, 2008, p. 61).

Portanto, desde o início do papel da educação é de importância vital para romper com a internalização predominante nas escolhas políticas circunscritas à ‘legitimação constitucional democrática’ do Estado capitalista que defenda seus próprios interesses. A esse respeito, dois conceitos principais devem ser postos em primeiro plano: a *universalização da educação* e a *universalização do trabalho como atividade humana autorrealizadora*. De fato, nenhuma das duas é viável sem a outra. Tampouco é possível pensar em sua estreita inter-relação como um problema para um futuro muito distante. Ele surge ‘aqui e agora’, e é relevante para todos os níveis e graus de desenvolvimento socioeconômico (MÉSZÁROS, 2008, p. 61-65).

Essa ideia de universalizar e associar o trabalho à educação é antiga em nossa história. Pode ser apenas uma ideia frustrada, dada a sua permanência na consciência da sociedade, no decorrer das gerações, pois sua realização pressupõe fundamentalmente a *igualdade substancial* dos seres humanos. “É por isso que, apenas dentro da perspectiva de ir *para além do capital*, o desafio de universalizar o trabalho e a educação, em sua indissolubilidade, surgirá na agenda histórica” (MÉSZÁROS, 2008, p. 68). Educar de forma a superar o capital é, portanto, conquistar um

patamar qualitativo para a educação e uma situação autônoma de sociedade.

Portanto, a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora. Nenhuma das duas pode ser posta à frente da outra. Elas são inseparáveis. A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação no seu sentido amplo (...). E vice-versa: a educação não pode funcionar suspensa no ar. Ela pode e deve ser articulada adequadamente e redefinida constantemente no seu inter-relacionamento dialético com as condições cambiantes e as necessidades da transformação social emancipadora e progressiva em curso. Ou ambas têm êxito e se sustentam, ou fracassam juntas. Cabe a nós *todos* – todos, porque sabemos muito bem que ‘os educadores também têm de ser educados’ – mantê-las de pé, e não deixá-las cair. As apostas são elevadas demais para que se admita a hipótese de fracasso (MÉSZÁROS, 2008, p. 76-77).

Caso queiramos construir e viver uma educação que faça a diferença, precisamos encarar a profissão com um ofício que permite uma troca justa de conhecimentos, dentro e fora da escola; a escola, por sua vez, precisa dialogar ainda mais com a sociedade. “O professor precisa ser o *condutor do processo*, mas é necessário adquirir a sabedoria da espera, o saber ver no aluno aquilo que nem o próprio aluno havia lido nele mesmo, ou em suas produções” (FAZENDA, 2012, p. 44-45). É importante, então, que a escola e a sociedade reconheçam os diversos ambientes nos quais se ensina e se aprende e desta forma, abram-se também para absorver o conhecimento informal.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está claro que as manipulações causadas pelo alheamento, ocorrem de maneira encoberta, seja pelas próprias condições em que os alienados se submetem para sobreviver, seja devido ao processo coercitivo em que os alienantes nos inserem.

Constatamos, então, que a escola trafega por caminhos incertos, igualitários às demais instâncias alienantes; estradas tortuosas, esquecendo-se que deve exatamente planar as estradas e lembrando-se que escola deve ser plenamente diferente de economia, pois esta última não se preocupa com caráter e/ou liberdade de escolha.

A proposta fundamental de sair da alienação é justamente esta, ter formadas pessoas esperançosas, capazes de modificar seu futuro, adequando-o a melhorias e sendo potencialmente capazes de, juntamente com outros homens e mulheres esclarecidas e ricas em cultura, poderem transformar a realidade que tanto almejam. Sendo assim, constatamos que a leitura é base fundamental e essencial para a formação e emancipação de um ser, enquanto criança é preciso que se fique o mais distante possível dos fenômenos alienantes. A família tem seu papel essencial e a escola também deverá proporcionar atitudes que desamarrem os nós causadores de alienação, principalmente através da flexibilização do currículo escolar, aproximando-o da realidade que circunda a escola, abordando temas de relevância social, através da transversalidade e da interdisciplinaridade, por exemplo. “Todo processo de educação bem-sucedido mereceria ser socializado, porém, esse trabalho é árduo, exige o rompimento com a acomodação” (...) (FAZENDA, 2012, p. 10-11).

A escola precisa, ainda trabalhar valores humanitários e sensíveis, tais como: a interação, a criatividade e os valores de humanidade. É importante frisar que a educação aliena ainda na pureza e na fase de descobertas, das crianças, por meio da inserção de conteúdos passivamente manipulados, através de professores alienados e obrigados a cumprir horas de aula, por meio de conteúdos desproporcionais.

Apenas a mais ampla das concepções de educação nos pode ajudar a perseguir o objetivo de uma mudança verdadeiramente radical, proporcionando instrumentos de pressão que rompam a lógica mistificadora do capital (...). Em contraste, cair na tentação dos reparos institucionais formais – ‘passo a passo’, como afirma a sabedoria reformista desde tempos imemoriais – significa permanecer aprisionado dentro do círculo vicioso institucionalmente articulado e protegido dessa lógica autocentrada do capital (MÉSZÁROS, 2008, p. 48).

A escola deve trabalhar com parceria e com o auxílio das experiências do cotidiano, não se restringir apenas aos seus limites estruturais, pois a realidade é fator importante na boa construção da educação. E como explícito na citação anterior, não contentar-se com as propostas mesquinhas de reformismo, forjadas dentro do próprio sistema do capital. Observamos que os ambientes desfavoráveis à aprendizagem (alienados) causam deficiências nas crianças, tanto de natureza cognitiva como de ordem afetiva e social. Mesmo assim, fica claro que “a escola é um ambiente mais favorável ao desenvolvimento de modelos gerais de resolução de problemas do que a vida diária (...). No entanto, as experiências

do cotidiano enriquecem os modelos com significados e os torna mais eficazes” (CARRAHER; CARRANHER; SCHLIEMANN, 2001, p. 123).

Então, uma alternativa viável, simples e satisfatória é começar a ensinar de outra forma, promovendo integração e desvelamento da realidade, de forma interdisciplinar e crítica, no intuito de formar indivíduos com visão ampla sobre a realidade, capazes de viabilizarem instâncias competentes para resolverem seus problemas e que, individualmente, tornem-se pessoas realizadas e criticistas no papel ou função que venham a desempenhar socialmente. Já dissemos que é importante mudar o currículo escolar, mas somente isto não basta, como nos alerta Fazenda (2012):

Mudar currículo na escola, rasgando o velho é, por exemplo, atitude de quem despreza o patriarcado e se volta ao comum ou ao *non sense*. O mesmo se refere às relações interpessoais entre professor e aluno – é necessário saber quem é quem, porém, o respeito, a mutualidade, a reciprocidade são indicadores de alteridade que precisam ser preservados. São indicadores (...) de um novo rigor, de uma nova ordem, porém não revivida, mas recriada (...) (p. 44).

Nesse sentido, “romper com a lógica do capital na área da educação equivale [...] a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa *concreta* abrangente” (MÉSZÁROS *apud* ANTUNES, 2012, p. 87).

Finalizamos, ainda com as palavras de Mézáros (2008), para o qual “nunca é demais salientar a importância estratégica da concepção mais ampla de educação, expressa na frase: *a aprendizagem é a nossa própria vida*. Pois muito do nosso processo contínuo de aprendizagem se situa, felizmente, fora das instituições educacionais formais” (p. 53).

## 7 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Caio. **A educação em Mézáros**: trabalho, alienação e emancipação. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção educação contemporânea).

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à Filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

CARRAHER, Terezinha; CARRAHER, David; SCHLIEMANN, Analúcia Dias. **Na Vida Dez na Escola Zero**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: História, teoria e pesquisa. 18ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

MARX, Karl. **O Capital**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, v. 1.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. (trad. Francisco Raul Cornejo [et al]). São Paulo: Boitempo, 2009. (Mundo do trabalho).

\_\_\_\_\_. István. **A educação para além do capital**. (trad. Isa Tavares). 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. (Mundo do Trabalho).

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da Filosofia**: do Renascimento aos nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.

SADER, Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. (trad. Isa Tavares). 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. (Mundo do trabalho).

TOMAZI, Nelson Dácio. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Atual, 1997.

YUS, Rafael. **Temas transversais**: em busca de uma nova escola. (trad. Ernani F. da F. Rosa). Porto Alegre: ArtMed, 1998.

i Uma das funções do capital é “(...) assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema. Em outras palavras, no sentido verdadeiramente amplo do termo *educação*, trata-se de uma questão de ‘internalização’ pelos indivíduos (...) da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, juntamente com suas expectativas ‘adequadas’ e as formas de conduta ‘certas’, mais ou menos explicitamente estipuladas nesse terreno. Enquanto a *internalização* conseguir fazer o seu bom trabalho, assegurando os parâmetros reprodutivos gerais do sistema do capital, a brutalidade e a violência podem ser relegadas a um segundo plano (embora de modo nenhum sejam permanentemente abandonadas) (...) (MÉSZÁROS, 2008, P. 44).

Licenciado em Filosofia pela FACESTA e bacharel em Serviço Social pela UFAL, atualmente é aluno da especialização *lato sensu* em “Mídias na Educação”, pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL e da especialização *stricto sensu* em “Ciências da Educação: interdisciplinaridade, Subjetividade e Formação” (pela Universidad Autónoma Del Sur - UNASUR). E-mail: [jalon.n@hotmail.com](mailto:jalon.n@hotmail.com)

Recebido em: 10/07/2015

Aprovado em: 11/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: